

O lado positivo do acordo mexicano

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O acordo do México com os bancos comerciais foi saudado, pela primeira vez, como "um definitivo salto adiante" num memorando enviado nesta semana pelo banco de investimentos Salomon Brothers aos administradores de portfólios de seus clientes, no que parece ser uma reversão das expectativas de Wall Street.

"Embora o tamanho do acordo de redução da dívida do México pelo Plano Brady, divulgado durante as últimas três semanas, tenha desapontado alguns comentaristas públicos fora do México", diz o memorando assinado pelo analista John Purcell, "nós acreditamos que o acordo é definitivamente positivo tanto para os fundamentos de crédito do México como para os preços de seus empréstimos no mercado secundário, dentro de um horizonte entre seis meses e um ano."

Embora o texto seja assinado apenas por Purcell, ele se manifesta sempre no plural, o que sugere o suporte de seus colegas e su-

periores no banco. Mas ainda não há um consenso em Wall Street. "Que o acordo foi positivo para os bancos ficou óbvio quando os preços de suas ações subiram em até 20% nos dias seguintes ao anúncio", disse ontem a este jornal o diretor da área de risco soberano no Banco Mercantil Dillon, Read International, Jay Newman. "Mas parece evidente que o acordo não foi igualmente bom para o México", acrescentou.

Purcell faz um longo esforço para tentar provar o contrário. "Nós esperamos que o acordo venha a prover suficiente alívio externo durante os próximos quatro anos para eliminar, ou pelo menos tornar administrável, o hiato financeiro externo do México", diz ele. Mas alerta que para isso o governo Salinas de Gortari precisa continuar abrindo a economia do país.

O memorando da Salomon Brothers ressalta que o acordo é positivo para o México de várias formas. Provê um alívio de transferência de até US\$ 2 bilhões anuais; demonstra para os investidores estrangeiros

que não haverá confrontação com os credores; e, graças a combinação desses dois fatores, provê a estabilização do mercado financeiro doméstico do país.

Os fatores positivos estão sendo reforçados por recentes acontecimentos, de acordo com a análise de John Purcell. A bolsa de valores da Cidade do México cresceu 45% entre o início de maio, antes do acordo, e o final de julho, depois do anúncio.

As letras do Tesouro mexicano caíram dramaticamente depois do acordo. No início de julho, a média de 28 dias de leilão das letras ultrapassou 55%. Após o anúncio, porém, as taxas caíram abaixo de 35%, e continuaram abaixo no recente leilão de 16 de agosto.

NOVOS INVESTIMENTOS

Nos dias seguintes ao anúncio da concretização do Plano Brady para o México, várias grandes empresas multinacionais anunciaram novos programas de investimentos no país. No final de julho a Nestlé anunciou planos para investir US\$ 300 milhões no país, seguida pela Ford,

que anunciou a aplicação de recursos semelhantes em sua fábrica de Hermosillo.

A conta de fluxo de capital melhora. A comissão de investimentos estrangeiros do México já aprovou US\$ 3,34 bilhões em novos investimentos este ano, comparados com US\$ 3,15 bilhões para todo o ano de 1988 — o que pode duplicar a taxa de investimento externo se o fluxo persistir até o final deste ano. Também no final de julho, em outro reflexo positivo da entrada de capitais, o governo anunciou que suas reservas em moedas fortes continuam acima de US\$ 6 bilhões.

Purcell acredita, por fim, que o valor dos títulos mexicanos no mercado secundário crescerá a longo prazo. Alguns dados positivos já podem ser medidos. As linhas interbancárias para o país cresceram de 12 a 15% no mercado de Nova York. E os bônus existentes, como o Morgan Mexican Bond, tiveram um ganho de cerca de 10% em sua cotação, saltando de 70 centavos por dólar para 77 centavos após o acordo.